

- Excelentíssimos Senhores Embaixadores e representantes das missões diplomáticas e consulares em Angola;
- Excelentíssimos Senhores Representantes dos Partidos Políticos
- Distintos Líderes e Entidades religiosas do país;
- Ilustres Convidados;
- Caro Vice-Presidente eleito, Eng.º Antas Miguel;
- Caro Presidente Cessante do Cidadania, Claúdio Pedro Brandão;
- Caros Membros do Partido Cidadania;
- Minhas Senhoras e meus senhores;
- Todo o Protocolo Observado!

Agradeço a todos e a cada um de vós por nos prestigiarem com a sua presença neste evento.

A Iniciativa de Cidadania para o Desenvolvimento de Angola, o Partido Cidadania, hoje é uma realidade indiscutível. Estamos para ficar!

Conforme podem constatar da leitura da carta a Nação e de outros documentos que brevemente disponibilizaremos, o Cidadania quer ser a esperança de todos os cidadãos e, sobretudo, da juventude angolana, em ver reunidas numa força política única os cidadãos que querem, acima das suas crenças, ideologias e militância, o bem de Angola e pretendem, corajosamente, dentro dos ditames da lei e por meios pacíficos, fazer sentir a sua voz e ditar um novo e seguro rumo para Angola. A prosperidade de Angola é a nossa meta!

O Cidadania não teria sido a realidade que hoje constatamos, não fosse pelos seus bravos jovens heróis, que diligentemente conduziram com sucesso todo o processo de legalização do Partido, com Claúdio Brandão, o Presidente Cessante, à cabeça. Estes jovens, estes cidadãos patriotas, tiveram de enfrentar todo o tipo de dificuldades nos organismos da administração local do Estado angolano, organismos, teoricamente apolíticos, cuja missão, quanto a nós, é e deve ser exactamente, a de facilitar a construção e consolidação da frágil democracia do país.

Felizmente, estes jovens determinados e resilientes, conseguiram contornar todos os obstáculos, qual água contornando as elevações, e levar o projecto à porto seguro. Por isso somos-lhes profundamente gratos. Gostaria, deste modo, de solicitar aos presentes neste evento magnífico, um minuto de ovação aos nossos bravos jovens. É “obra”!

Em seguida, quero agradecer, penhoradamente, em meu nome e do cidadão Antas Miguel, eleito Vice-Presidente do Cidadania, a todos os membros do nosso Partido pela confiança que nos é depositada. Gostaríamos de assegurar-vos e aos cidadãos angolanos em geral, que lutaremos sempre, nos limites da constituição e da lei, pela defesa, em primeira instância, do interesse e do bem comuns de todos os cidadãos angolanos, ou seja, pela prosperidade deste maravilhoso e abençoado país que nos viu nascer, que amamos profundamente e que se chama Angola. Angola Sempre!!!

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Definitivamente, os cidadãos cansaram-se das promessas do Partido-Estado. Já ninguém acredita nele! Os cidadãos estão a agonizar do impacto devastador da falta de oportunidades para assegurarem para si e suas famílias condições de vida dignas, do alto custo de vida e da falta de soluções. Gerações inteiras vêm o seu sonho desfeito e vivem na incerteza do futuro. “Até quando?”, perguntam-se.

Há em todos nós, cidadãos angolanos, e sobretudo na juventude, um grande sentimento de desilusão, de traição e de revolta. Isso porque não se está a cumprir com um dos desígnios e propósitos mais importantes da luta da pela independência nacional: o bem-estar de todos. Os cidadãos demandam, pois, soluções reais e tangíveis para os seus problemas do dia-a-dia. Nada mais!

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

MARTIN LUTHER KING JR. disse: *“A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio.”*

Levou-me algum tempo a decisão de aceitar a assumir estas responsabilidades no Partido Cidadania. Requereu, da minha parte, um longo período de introspecção e reflexão, de auscultação, de consulta e de aconselhamento com quem sabe mais do que eu, como os nossos líderes espirituais e proeminentes entidades da sociedade civil, a maior parte deles com muito mais anos de experiência de vida. Conteí também com o

repetido incentivo de muitos jovens. Mas eis-me então aqui, hoje, finalmente, decidido, determinado e disposto a seguir em frente e servir de corpo e alma o povo angolano.

Assumo estas funções depois de uma carreira inteira de perto de 42 anos de serviço público abnegado, onde sempre me pautei pela ética profissional e pela disciplina. E nesse percurso e sempre que necessário, ajudei também a formar, tanto com competências técnicas, quanto com competências comportamentais, novas gerações de quadros e não só. Viva a ética e a disciplina, pilares da boa administração!

Caros concidadãos aqui estou eu liderando o Cidadania, não por vaidade, desejo de poder ou para enriquecimento pessoal e da minha família. Fi-lo porque, também eu, me cansei da desilusão e do descaso. Como estar insensível ao sofrimento do próximo? Nasci cristão, na igreja metodista de Bethel em Luanda (Km 7) e não me posso sentir alheio ao sofrimento do próximo.

Aqui estou eu porque sei que juntos podemos fazer mais e melhor do que foi feito neste quase 50 anos de independência do nosso país. Com a experiência e conhecimento que tenho das realidades do país, sei como mobilizar as competências necessárias para encontrarmos as soluções mais adequadas, para evitarmos e contornarmos o abismo à frente dos olhos de todos nós para o qual estamos a ser conduzidos e mergulharemos, inevitavelmente, se não mudarmos o curso dos acontecimentos.

Comigo está todo um escol de quadros nacionais experientes e versados em vários domínios científicos, técnicos e humanos, desde cidadãos comuns a empresários, líderes religiosos, etc... E, sobretudo, muitos jovens patriotas, muitos mesmo, que amam o seu país, esta nossa por enquanto maltratada Angola. Estamos todos, repito, todos, imbuídos dos melhores propósitos. Estamos todos acima das nossas crenças e eventuais ideologias, dispostos e determinados em dar o nosso melhor para o bem comum, para o progresso de Angola. Não vamos arredar pé!

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Nesta idade, já não somos ingénuos. Estamos plenamente conscientes do desafio ao qual nos propomos, ao aderirmos e encabeçarmos esta jovem formação política. Sei dos sacrifícios e peripécias por que terei (teremos) de passar, mas nada disso retira a minha vontade de querer servir

incondicionalmente esta Angola, o meu país. Não tenho nem desejo um outro país!

Como escreveu um dia NELSON MANDELA, na sua autobiografia, intitulada “ O longo caminho para a liberdade “ publicado em 1994: “*Depois de escalar uma grande montanha se descobre que existem muitas outras montanhas para escalar*”. É isto que nos inspira, nos motiva e nos propomos!

Trago na minha bagagem muitos anos de tarimba, iniciados aos 22 anos de idade, no então Ministério do Plano, em Agosto de 1983, onde iniciei como jovem economista. Trago conhecimentos teóricos e técnicos e saber fazer; trago comigo experiência e anos a fio de exercício de funções desde básicas a intermédias, até do topo ministerial, em distintas instituições públicas.

Não menos importante, trago comigo rodagem na preparação e na condução de *dossiers* do Estado, no cumprimento de altas funções no governo e no parlamento, enquanto pupilo da grande referência da garantia da integridade territorial do país e do alcance da paz, assim como da construção das fundações da administração pública actual, enquanto condutor sereno e comprometido dos negócios do Estado e do Governo, o saudoso Presidente José Eduardo dos Santos. Honremos a sua memória!

Trago finalmente a escola da política ao mais alto nível e o exercício recente da governação local, primeiro como Vice-Governador da província de Luanda para os Assuntos Económicos e mais recentemente, por alguns tempos, conduzi os destinos de uma província martirizada pela guerra, pela fome, pelo subdesenvolvimento mas de gente orgulhosa, bondosa e resiliente – o meu amado KK – o Cuando-Cubango!

Para finalizar este capítulo importante das minhas credenciais como cidadão, como quadro profissional, como político e também – porque não – como pai de 6 belíssimos filhos com a minha cara-metade, a Ângela, que, enquanto jovens, têm os mesmos anseios de qualquer jovem deste país.

É meu desejo trazer para o teatro político angolano, porque neles me inspiro e me revejo, a serenidade e a perspicácia de John Kennedy, a determinação, a perseverança e a resiliência de Martin Luther King Júnior, o pacifismo de Mahatma Ghandi e a capacidade de perdão, persuasão, magnanimidade e a elegância política de Nelson Mandela. Estas são algumas das minhas referências!

Em termos de políticas públicas e de boa governação, já muito pouco temos para inventar. Temos, isto sim, muito que aprender com os erros que veem sendo cometidos nos últimos 50 anos; alternar mas mudando o paradigma, o modelo, ter uma visão, ter um plano robusto assente na realidade objectiva, baseado nas imensas potencialidades, vantagens comparativas e competitivas do país e, literalmente, meter mãos à obra, com humildade e serenidade na condução dos negócios do Estado, sempre centrado nas necessidades e prioridades dos cidadãos e não dos militantes.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

O Professor Doutor e Reverendo Daniel N'tony N'zinga, disse-me à dias que “a construção do país independente nos limites geográficos actuais congrega vários povos, unidos pela força do fuzil e não foi antecédida da concertação sobre que país queremos. Os três irmãos, mesmo lutando contra um inimigo comum, não foram capazes de juntar-se numa plataforma comum”. Fim de citação.

Pela sua importância crucial, começo com o tema da paz e reconciliação nacional. Da paz verdadeira, aquela que não deixa ninguém de fora. Assisti e fui partícipe, enquanto ministro das Finanças e membro do Conselho de Defesa e Segurança do país, em 2002, os derradeiros momentos do estabelecimento da paz, quando o seu obreiro determinou que não mais um tiro ou uma bomba devia ceifar a vida dos nossos irmãos, cidadãos deste país.

José Eduardo dos Santos, num dos seus muitos momentos históricos de grande estadista, foi pragmático, magnânimo e conciliador, determinando aos comandantes militares, de forma peremptória, o fim da guerra e das hostilidades entre irmãos.

Porém, esta paz não está completa, porque as hostilidades políticas do passado permanecem até aos nossos dias. Ainda imperam as desavenças violentas interpartidárias. Ainda se mata por se ser deste ou daquele partido político. O “ódio-militante” ainda anda em nós, não nos permitindo perceber que não se constrói um país na base do ódio mas da tolerância, do perdão, da justiça e dos consensos, sem deixar ninguém de fora.

E o mais grave, na perspectiva histórica, famílias inteiras e mesmo populações inteiras ainda enfrentam o estigma de terem sido ou terem um

seu familiar que militou ou que pertenceu a certas forças políticas dos movimentos de libertação.

Muitas dessas pessoas com quem tive o prazer de conversar e conviver por algumas horas, no seu silêncio, ainda não desfrutam dos benefícios da paz. Psicológica e socialmente, os seus corações se encontram arredados e excluídos da independência e do processo de paz.

Cinquenta anos decorridos de independência, ainda impera a lógica da “história do vencedor”, que se traduz no ignorar e falsear, mesmo sabendo que muitos cidadãos não se reveem na história contada nos cânones oficiais. Pasmese, crescemos nos idos anos 70 com a narrativa de uns comerem corações e vísceras humanas. Mais recentemente, não houve sequer entendimento sobre quem verdadeiramente são os pais da Nação.

Para o Cidadania é imperioso a história ser revista e recontada com urgência. Os Acordos de Alvor formalmente reconheceram os líderes da luta de libertação nacional. Por isso, os cidadãos normais, patriotas e conhecedores da história recente do nosso país, reconhecem, sem qualquer dificuldade, três Pais da Nação, ou melhor, três Heróis da gloriosa Luta de Libertação Nacional: Holden Roberto, Agostinho Neto e Jonas Malheiro Savimbi. Está na hora de se reconhecer sem complexos de qualquer tipo, esta verdade histórica. Ponto final!

A estes três angolanos nacionalistas somos todos gratos pela nossa libertação do jugo colonial. Merecem de todos nós respeito pelos seus feitos e a deposição dos seus restos mortais num Panteão Nacional, que importará, a seu tempo, construir. Tão simples quanto isso!

A seu tempo, será também necessário, fazer-se uma revisão constitucional, que, com base num consenso nacional, possa contemplar também os símbolos nacionais: a bandeira nacional, a insígnia da república e o hino nacional.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Entendemos que o reconhecimento dos três Heróis da gloriosa Luta de Libertação Nacional pode perturbar muitas famílias angolanas vítimas directas ou indirectas de acções e de decisões tomadas por tais entidades no calor do exercício da liderança das suas organizações. Um sem número de

crimes, alguns cruéis e hediondos, terão sido cometidos sob o seu comando. Como lidar com tudo isto?

Porque vem à propósito, permitam-me convidar a Sra. Pastora Rosa Agostinho Carlos, líder da Igreja Jesus Cura, para fazer a oração que encontrei durante a leitura do livro “Acreditei e por isso Falei”, da autoria do mais velho Dom Zacarias Kamwenho, Acebisbo Emérito do Lubango e Prémio Sakharov 2001:

“AGOSTINHO NETO, HOLDEN ROBERTO, JONAS SAVIMBI

*Deus o Todo-poderoso perdoou os vossos erros,
as vossas fraquezas e os vossos pecados;
nós também vos perdoamos.*

*O espírito dos vossos antepassados,
Sementes de Deus nas nossas culturas,
orientador da vossa bravura,
nos acompanhe hoje e sempre
por uma ANGOLA a construir
por um ESTADO a consolidar
OBRIGADO” Amén!*

Em nosso entender, e seguindo a experiência bem-sucedida de Madiba na África do Sul, os nossos líderes espirituais, em sede de uma “Comissão da Verdade”, reúnem melhores condições de isenção e imparcialidade para expiar os pecados de quem os cometeu, pacificar os espíritos, reconciliar as famílias desavindas, acarinhar as viúvas e os órfãos, em suma, ajudar a perdoar, trazer a paz de espírito a todos, enfim, trazer uma verdadeira reconciliação nacional. Precisamos de uma amnistia à mwangolé, onde todos perdoam todos!

Em sede de um culto ecuménico nacional iríamos então selar, de uma vez por todas, este capítulo mau da nossa história recente. Só desta forma, sem excluir ninguém, todos ficaremos livres deste peso e iremos desfrutar da paz definitiva, livrando as gerações actuais e futuras de um fardo histórico que não mais precisam de carregar.

Os movimentos de libertação, hoje transformados em partidos políticos, incluindo o Partido-Estado, enquanto actores destas atrocidades não têm condição moral para conduzirem este processo de pacificação com a isenção e imparcialidade que tal exercício exige. Não se pode ser juiz em causa própria!

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Sem prejuízo para a liberdade religiosa, há necessidade de preservarmos, a todo o custo, a matriz judaico-cristã da maioria esmagadora dos angolanos e emprendermos, sem receio, uma parceria viva e dinâmica entre o Estado e as Igrejas. Sem querer ruir com o pilares pétreos da laicidade do nosso Estado, podemos, sem grande margem de erro, afirmar que paticamente 99,9% dos angolanos ainda são ou se sentem cristãos. É a matriz religiosa do nosso povo. Temos de preservá-la!

Temos todos que fazer um pouco mais para a sua preservação e defesa. Não há mal nisso. A maioria de nós foi educada segundo essa matriz.

Quem vive o dia-a-dia do cidadão nos bairros pobres ou mesmo nas zonas recônditas do nosso país? Quem cuida do apaziguamento dos casais, dá ajuda espiritual e muitas vezes material e logística às famílias desestruturadas face às dificuldades actuais? Quem melhor lida e trata dos desavindos, dos jovens frustrados, dos drogados, dos alcoólatras e dos que sofrem? Quem acalenta as famílias depois do suicídio do filho frustrado ou do suicídio do chefe de família depois deste se auto-declarar incapaz de sustentar a sua prole? A resposta é clara: são essencialmente os nossos líderes religiosos e os membros das suas confissões.

Ao Estado compete, tradicionalmente, prover aos cidadãos os serviços e bens públicos. Em circunstâncias muito específicas, compete-lhe também, garantir a protecção da família e dos que necessitam. Como não juntar forças com as igrejas, enquanto excelentes actores sociais, ajudando a formar os seus quadros, enquadrando-os nas metodologias universalmente já definidas e então potenciá-los com os meios logísticos para que eles aumentem a cobertura do seu serviço às comunidades?

E já agora, porque não juntar-se também as múltiplas associações de cidadãos, direccionando-as para alí onde o Estado, por alguma razão, não possa estar presente?

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Ainda sobre este assunto, gostaria de fazer referência a um paradoxo: aos partidos políticos, para o seu reconhecimento, se exige um total de sete mil e quinhentas assinaturas, das quais 150 em cada província. Para o reconhecimento das igrejas cristãs – portanto, as tais da nossa matriz religiosa – se exigiu, no passado, sessenta mil assinaturas, e mais recentemente e agora, na proposta de revisão em estudo, se esta a exigir entre 20 à 40 mil e uma representação em todas as províncias do país.

Me parece que o Brasil, o Quênia e o Gana, só pra exemplificar, têm experiências muito interessantes neste capítulo do reconhecimento das igrejas e vivem tranquilos, com equilíbrio e sem conflitos inter-religiosos. Não custa nada consultar. Deixemos a nossa matriz religiosa se expandir pelo país!

Estamos a colocar barreiras absurdas, num momento em que se notam acções tendentes à implantação do islamismo radical no nosso país, que não está de acordo com os nossos hábitos, cultura e forma de estar na vida. Os direitos inalienáveis de muitas mulheres angolanas, que lutaram ombro - a - ombro com os seus companheiros pela independência do país e pela sua emancipação estão a ser pisoteados.

Quem quiser viver em Angola tem de se adaptar aos nossos valores e hábitos e não o contrário. Este deve ser o nosso contrato de adesão migratório!

Temos todos que reflectir de cabeça fria, conversar, auscultar, ponderar, aprendermos com a experiência dos outros países mas sermos resolutos e não extremamente permissivos, sem prejuízo para a liberdade religiosa. Devemos actuar com base nos princípios consagrados na nossa constituição.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Gostaria de vos convidar a vislumbramos juntos o presente e o futuro do nosso país.

Em Agosto de 2023, decidimos percorrer o país inteiro, todas as províncias do país, num total de mais ou menos de 150 municípios e suas comunas em 35 dias, porque queríamos perceber a situação real actual da “Angola profunda” de Jonas Savimbi. Conseguimos ter um melhor conhecimento do país que todos amamos, em todo o seu resplendor, em toda a sua biodiversidade, em toda a sua beleza, em toda a sua dimensão natural, cultural e étnica.

Vimos e travamos conhecimento, com muita prosa à mistura, em diversas ocasiões, com as nossas gentes, os seus variados hábitos e costumes, as suas várias formas de vida, falas, enfim, vimos como colectivamente somos.

Com estas gentes, falamos das suas alegrias – poucas, como era se de esperar –, das suas tristezas, frustrações e desilusões – muitas, como era também de se esperar. Em suma, entendemos o que é neste momento:

- ser-se camponês – hoje em decadência acelerada;
- ser-se trabalhador/operário – hoje a minguar com as recessões económicas que o país tem experimentado;
- ser-se mãe, mulher, esposa, tia ou tão somente a guardiã dos filhos, dos sobrinhos e dos netos – hoje com um sem fim de provações diárias e preocupadíssima com o futuro dos seus filhos e netos;
- ser-se jovem, nos conturbados dias que correm – hoje com a “esperança moribunda”, como tão bem cantou Teta Lando, sonhando um futuro incerto.

Sentimos o “sentir” dos angolanos de Cabinda ao Cunene, de Benguela ao Luau. Como já atrás referi, uma desilusão profunda e destruidora nos aflige enquanto Nação. Uma tormenta! Precisamos de agir, porque estamos muito longe da “liberdade e terra” de Holden Robert.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Sabemos com precisão o que é preciso ser feito. Resgatar o “sonho angolano” é a nossa missão e compromisso.

Para nós cidadãos, o sonho angolano significa tão simplesmente, a existência de oportunidades para todos sem excepção, a promessa de uma

ascensão económica e social, não obstante as suas origens, a ideia de que todos têm direitos iguais e chances de sucesso, princípios de inclusão social, num país com os problemas básicos vivenciais ainda por resolver.

Para nós Cidadania, significa tão simplesmente “estabilizar e normalizar” a vida de todos os angolanos, sem exclusão e excepção. Significa:

- Garantia do acesso a pelo menos um mínimo de alimentos, podendo comer todos os dias;
- Disponibilidade de água potável;
- Acesso assegurado à electricidade;
- Acesso à assistência médica e medicamentosa;
- Acesso à educação universal e à formação profissional;
- Disponibilidade de serviços de saneamento básico;
- Oportunidade para os jovens crescerem na vida, formar família, dispor de uma habitação condigna.

O que ouvimos pelo país inteiro e que todos nós sabemos, porque já ouvimos vezes sem conta, é: AJUDE-NOS!!! Ajude-nos a sair desta fome, desta miséria! Queremos empregos e uma vida digna. Temos tudo e não temos nada!

Posto de uma maneira simples: a realidade é que temos no país fome e insegurança alimentar elevadas e um nível de pobreza alto. Para isso contribuem a falta de fontes de rendimentos das famílias, porque não há investimento privado suficiente e o investimento público não resolve os problemas porque não atende às prioridades dos cidadãos.

Então temos uma alta taxa de desemprego que atinge 32% da população economicamente activa em geral e 58% dos jovens (entre os 15 e 24 anos de idade). A cobertura dos serviços de saúde, de educação e de saneamento básico é baixa. E continuamos a ter uma economia muito dependente de um único produto: o petróleo bruto, responsável por cerca de 31% do Produto Interno Bruto, 60% das Receitas do Estado e 94% das Receitas Cambiais.

O peso da economia informal é grande, sendo responsável por mais de 80% dos empregos; os níveis de inflação são altos e o kwanza é instável, o que leva à grande perda do poder de compra; o nível de endividamento do Estado é elevado e asfixia a tesouraria pública.

As acções do governo não têm sido capazes de resolver os problemas que se apresentam porque priorizam-se despesas para permitir o enriquecimento de alguns e não para resolver os problemas dos cidadãos. Também não há transparência na sua execução, porque priorizam-se

adjudicações directas às empresas em que os governantes têm interesses e não há escrutínio.

Com isso, não temos o capital humano necessário; as infraestruturas são inexistentes, inoperantes, deficientes ou ineficazes; há muito burocratismo na administração pública e a corrupção é elevada.

Esse quadro é permitido porque não temos, de facto, um Estado de Direito e Democrático, pois os Direitos Cíveis e Políticos não estão inteiramente garantidos, os poderes não estão efectivamente separados, não funcionam mecanismos de freios e contra-pesos e não há plena liberdade económica.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Ante esse quadro, o que é que o Partido Cidadania propõe à sociedade?

Em termos sintéticos, do ponto de vista político-institucional, entendemos trabalhar para a adequação da Constituição da República no sentido de assegurar a plena separação de poderes, o funcionamento dos mecanismos de freios e contra-pesos, o exercício pleno dos direitos cíveis e políticos pelo cidadão e da liberdade económica.

Também a democratização do país, levando-se o poder para junto do cidadão, por meio da institucionalização das autarquias locais. A racionalização da máquina do Estado e a eliminação do burocratismo, com o desenvolvimento e consolidação de uma administração pública eficiente, eficaz, profissional e não corrupta, está também no horizonte do Cidadania.

Do ponto de vista das políticas públicas do nosso futuro programa, e peço a vossa máxima atenção dos senhores, o foco emergencial será a eliminação da fome e da miséria, enquanto que o **foco permanente** será o do combate à pobreza e o aumento progressivo da prosperidade dos cidadãos, a alcançar com crescimento económico robusto e sustentado, suportado por medidas: no domínio do capital humano; da equidade; da saúde e assistência médica e medicamentosa; da educação, ensino e capacitação profissional; da habitação; da mobilidade; e do acesso ao emprego e aos meios económicos.

Isso demandará, também, medidas de habilitação do investimento produtivo e de longo prazo, nacional e estrangeiro. Para o efeito, será

necessário assegurar-se a estabilidade macroeconómica, infraestruturas, promoção do investimento privado e apoio ao desenvolvimento de actividades económicas, sobretudo, a promoção do empreendedorismo dos angolanos.

Contemplemos também o equilíbrio ambiental e o desenvolvimento harmonioso do território e acções tendentes a garantir a independência económica, uma adequada inserção do país na sub-região, na região e no mundo e a salvaguarda da soberania e segurança nacionais.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

O Cidadania como força emergente vai certamente atrair muitos cidadãos interessados em fazer parte deste combate. Os nossos próximos passos serão no sentido da organização interna, implantação progressiva das nossas estruturas pelo território nacional, de mobilizar quadros e recursos financeiros e estruturar a nossa estratégia eleitoral.

Enquanto fazemos isso, vamos discutir de forma aberta, democrática e participativa as bases do Manifesto do Sonho Angolano, documento aonde pretendemos projectar com a sociedade civil, estruturados em grupos temáticos, o rumo que o país deve seguir nos anos vindouros,.

Convidamos, pois, os cidadãos a darem a sua contribuição. Já agora aproveitar para informar que iremos colocar no nosso site indicações de como os cidadãos podem aderir e se inscrever na entidade.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Com efeito, para nós Cidadania, “pensar-país” é tão simplesmente “normalizar e viabilizar” a vida dos angolanos, como atrás já me referi. As barragens bilionárias já estão praticamente feitas e temos já excesso de capacidade de produção em energia eléctrica produzida; temos das maiores reservas de água no continente, isto é indiscutível; já fizemos os aeroportos multimilionários; os hospitais megalómanos e robóticos já estão concluídos; os satélites já foram comprados, os carros de alta cilindrada já foram adquiridos repetidas vezes; os Boeing já voltaram a ser comprados, enfim, então o que é que nos falta mais?

Acima de tudo, falta respeito pelo cidadão angolano! Pretendemos lutar por tudo o que possa dar dignidade ao cidadão, que por sinal não está a pedir mundos e fundos. Queremos projectar para os próximos 15 à 20 anos, medidas e acções que ajudem a cuidar do saneamento, a aproveitar e usar a água abundante dos nossos rios, tratá-la e dar aos cidadãos, queremos distribuir a energia eléctrica de que já dispomos de capacidade de produção em excesso e levá-la ao cidadão.

Por que não fazer a creche, a escola, o posto médico próximo do cidadão? Por que não nos dedicarmos um pouco mais com o pequeno empreendedor angolano, com aquela mamã, com aquele jovem, como diz o ditado, ensinando-lhes a cultivar nos vastos campos do país, a pescar nos rios e abundantes lagoas do país, para ele aprender a ganhar o seu sustento e cuidar dos seus.

Em 2027, vamos concorrer as eleições gerais porque queremos e sabemos fazer diferente do que o que foi feito nas últimas 5 décadas. Este é o nosso plano, esta será a nossa missão!

As soluções, por mais pequenas que sejam, têm de satisfazer o cidadão comum. Se assim não for, e a nossa história económica prova isso, não estaremos a fazer nada. Temos de aprender a fazer as pequenas coisas!

O país hoje detém, ao contrário dos primórdios da nossa independência, um escol de quadros competentes, de gente que acumulou muito conhecimento e experiência, alguns viveram um pouco da vida colonial e viram a república a nascer, muitos deles, ao lado José Eduardo dos Santos, ajudaram a construir parte do que hoje temos. Parafraseando o Professor Doutor José Octávio, um estudioso da sociologia e da angolanidade: somos a “geração da transição”: conhecemos a noite colonial, o nascer da república e muito bem os dias de hoje.

Caros Cidadãos,
Caros Convidados,
Caros Membros do Cidadania,

Vamos partilhar este desejo e o sonho angolano com todos. Partes dos nossos melhores jovens saem do país em busca de um futuro melhor. Esta exportação de talentos não queremos. É nosso compromisso ir criando as condições para que esta tendência se inverta e aqueles que se foram regressem para a construção de um país-cidadão.

A oportunidade está aí. Vamos agarrá-la com todas as nossas forças e transformar o país. O destino está a bater a nossa porta. A história nos convoca de forma clara. Alternância com mudança é o que os cidadãos clamam.

Como já disse o poeta: “sonho que se sonha sozinho é apenas um sonho. Sonho que se sonha junto se torna realidade”.

Mahezu! Temos dito! Muito obrigado!

Viva Angola!
Angola sempre!